

Bracher percorre os bancos

ELIANE GAMAL
Especial para O Estado

Nova York — Ainda não se sabe exatamente qual foi o conteúdo das conversas mantidas entre o presidente do Banco Central, Fernão Bracher, e alguns banqueiros americanos durante todo o dia de ontem em Nova York.

Bracher — que veio acompanhado do diretor para assuntos da dívida externa, Antônio de Pádua Seixas — passou todo o dia na área de Wall Street, percorrendo escritórios de bancos como Chase Manhattan, City Bank e Manufacturers, apenas em visitas de cortesia, pois as renegociações de fato com o comitê assessor da dívida externa brasileira só serão reiniciadas amanhã.

Apesar de o presidente do Banco Central não ter mantido encontro com a imprensa, circulavam alguns rumores na área financeira de Nova York, de que nesses encontros isolados com alguns banqueiros, Bracher já teria feito algumas propostas, entre elas a de que o governo brasileiro pagaria 100% da dívida dos bancos recém-liquidados, Comind e Auxiliar.

Além disso, de acordo com outras fontes, o presidente do Banco Central estaria tentando "vender" ao Fundo Monetário Internacional o pacote econômico anunciado há alguns dias pelo presidente José Sarney, e a partir disso chegar a um acordo que agrade ao FMI e posteriormente possibilite a renegociação da dívida externa e não apenas a prorrogação.

Na verdade, nada disso está con-

firmado e o que se observa é a propagação de notícias desencontradas, principalmente depois da visita de Fernão Bracher a Washington na segunda-feira e as reuniões mantidas com Paul Volcker, do Federal Reserve Bank, e Jacques de Larosière. Segundo algumas fontes americanas, o presidente do Banco Central realmente teria proposto um acordo ao Fundo Monetário Internacional, contradizendo o próprio ministro da Fazenda Dílson Funaro, que anunciou durante sua viagem a Washington exatamente o contrário, ou seja, de que o Brasil não precisaria nem iria fazer nenhum acerto com o Fundo para recomençar suas discussões com os banqueiros credores.

E é nesse clima de incertezas que se dará o provável encontro hoje entre Fernão Bracher e William Rhodes — presidente do comitê assessor da dívida externa brasileira. Para tornar a situação mais delicada, comentou-se também a possibilidade de alguns bancos regionais norte-americanos estarem planejando retirar as suas linhas de crédito se até o dia 17 de janeiro — quando expira o acordo da fase 2 da dívida externa brasileira — ainda não houver solução para a dívida dos dois bancos brasileiros liquidados há quase um mês.

Além do encontro com William Rhodes, parece — embora não esteja confirmado — que Bracher convocou uma reunião, também para hoje, com os gerentes de bancos brasileiros em Nova York, provavelmente para discutir a situação dos bancos em geral, depois da crise do Comind e Auxiliar.